

9. Deus testemunhou que não ha outro senão elle; e os anjos, e os sapientes em verdade são constantes em affirmar que não ha mais que elle, poderoso, sabio. [*Alcorão*, III, 16]. A crença em Deus é o islamismo; aquelles que receberam o Livro [Santo] só o negaram depois que o saber os illuminou, e foi este que os levou ao êrro; e aquelle que renegar a palavra de Deus, Deus o renegará. [*Alcorão*, III, 17].

DAVID LOPES.

Necropole neolithica do valle de S. Martinho

1. Notícia descriptiva.—Fôrma dos monumentos

Num mato, propriedade do Sr. Manuel Joaquim de Oliveira, a uns dois kilometros a NE. da villa de Sintra, no sitio que chamam o valle de S. Martinho, descobriram-se, ao fazer-se alli uma sorriba, algumas ossadas humanas; junto d'essas ossadas acharam-se fragmentos de ceramica do typo conhecido das estações neolithicas, alguns rolos de calcareo semelhantes aos que foram encontrados nas estações prehistoricas de Licêa e de Bellas¹, e muitos calhaus rolados, alguns de grandes dimensões, tudo envolvido na terra até mais de 1 metro de profundidade.

O Sr. Dr. Alfredo Bensaude, tendo tido conhecimento d'estes factos, communicou-os ao director do Museu Ethnographico Português, a quem apresentou o Sr. Oliveira. Este cedeu amavelmente para o Museu os objetos que havia recolhido, e permittiu no seu terreno as explorações que por conta do Museu depois se fizeram, e de que o presente artigo dá conta; alem d'isso ministrou valiosos esclarecimentos: por tudo isto merêce a nossa mais sincera gratidão.

As explorações foram começadas avançando a excavação segundo o córte que alli se havia já feito no terreno, continuando a descobrirem-se ossos humanos, restos de ceramica do typo de que fallámos, e algumas armas e instrumentos neolithicos.

A presença das ossadas humanas numa área consideravel de terreno, coexistindo com o mobiliario neolithico, revelava a existencia naquelle local de uma necropole d'aquelle periodo lithico, mas de que não restava sequer a mais pequena noticia na tradição.

¹ Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos em Portugal*.

A área em que tem até ao presente apparecido vestígios da necropole é de mais de quinhentos metros quadrados e occupa parte da vertente esquerda, de pequeno declive, do valle de S. Martinho. O terreno que se achava coberto de mato apresentava-se unido e plano. O córte feito pelos trabalhos agricolas revelou, sob a camada delgada de terreno vegetal da superficie, uma outra, de terra revolvida, com mais de 1 metro de espessura, na qual se encontravam muitas pedras de mistura com as ossadas e mobiliario neolithico de que fallámos, evidenciando-se assim que as sepulturas haviam já sido destruidas.

Para pôr a descoberto alguma d'essas sepulturas, ou o que d'ellas restasse, e recolher o mobiliario que porventura, nellas estivesse enterrado, proseguiu-se no córte que o terreno apresentava, e a pouco trecho deparou-se uma especie de parede de pedra solta, de contorno curvilineo, de cêrca de 1 metro de altura, que se reconheceu fechar

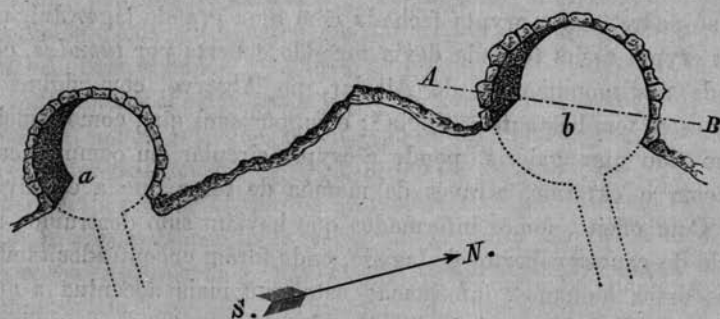


Fig. 1

um recinto circular, como se vê na fig. 1. Na planta, que esta figura indica, está representado o recinto a que acabamos de nos referir,



Fig. 2

em *b*, o qual mede de diametro 4^m,20, e para o Sul d'elle vê-se outro analogo, de menores dimensões, em *a*. Ambos elles se achavam já cortados pela excavação que antes se havia feito no terreno, achando-se por isso destruida a parte do monumento que pelo Nascente o completava, o que figuramos na nossa planta.

Se examinarmos o corte vertical segundo a linha *AB*, que do recinto *b* damos na fig. 2, notaremos que no muro circular, que o contorna, cada fiada fórma sacada sobre a que lhe fica subjacente, de modo que o seu diametro interno diminue de baixo para cima, o que dá ao recinto a fórma de um tronco de cône. Esta mesma disposição se observa no recinto *a*, que, como o primeiro, apresenta apenas parte do muro circular. Suppomos que tanto um como o outro tinham sido cobertos, e pela disposição a que acabamos de nos referir pôde concluir-se que o systema de cobertura era analogo ao do monumento do Monge, na serra de Sintra, explorado e descripto por Carlos Ribeiro¹.

Consistia o processo em formar fiadas de pedras sobrepostas em toda a circumferencia, cujo diametro ia diminuindo successivamente para cima, havendo o cuidado ao mesmo tempo de carregar a cauda das pedras com terra e outras pedras, para as manter em equilibrio, e quando se tinha um vão assás reduzido, para poder ser coberto com uma só pedra, era a *crypta* fechada com uma grande lage. Julgamos que a *crypta* assim fechada devia ter sido coberta por *tumulus*, como succede nos monumentos de Alcalar, no Algarve, com alguns dos quaes estes tem bastante analogia²; e suppusemos que, como aquelles, tinham tido uma galeria, pondo a *crypta* circular em communicação facil com o exterior, através da mamôa de terra que a envolvesse toda. Com effeito, fomos informados que haviam sido destruidos uma especie de canaes cobertos de lagedo, ondo foram encontrados tambem alguns ossos humanos, informação esta que mais accentua a nossa supposição. E, a proposito, diremos de passagem que a explicação que se nos afigura melhor a respeito da existencia da galeria neste genero de monumentos, bem como nas antas que suppomos terem sido todas cobertas de *tumulus*, é a de por esse meio se obter accesso facil na *crypta*, que a mamôa recobria por todos os lados. Sem a galeria, cada vez que para sepultar fosse necessario entrar na camara, ser-se-hia obrigado a desaterrar em grande parte o monticulo, e d'ahi a adopção d'aquella.

Na planta que damos na fig. 1 vão indicadas, com linhas pontuadas, as galerias que suppomos terem existido pelo lado do Nascente e que já haviam sido destruidas.

¹ *Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*, pag. 74.

² Estacio da Veiga, *Antig. monum. do Algarve*, vol. iii, monumentos n.º 4, 5, 6 e 7, pags. 183, 226, 234 e 237.

As cupulas que cobriam os monumentos sepulcraes, bem como as mamôas que os envolviam, foram por certo destruidas em epocha muito afastada, pois que, como dissemos, não resta na tradição a menor noticia a respeito da existencia d'aquella necropole.

As pedras das cupulas desmoronadas e a terra que as recobria entulharam todo o recinto da sepultura, indo na sua queda esmagar as ossadas e quebrar muitos dos objectos do interessante mobiliario funebre que alli foi encontrado. Em muitos ossos notavam-se evidentes signaes de esmagamento produzido pelo entulho.

2. Dados antropológicos. — Modo de inhumação

Os cranios que foram encontrados no recinto sepulcral em *b*, em numero de cinco, achavam-se todos despedaçados, não se tendo por isso podido recolher senão parte de um frontal, em que se observa uma accentuada saliencia das arcadas supraciliares.

Todos os ossos se achavam profundamente alterados, intimamente envolvidos pelos entulhos, e em tal estado de fragilidade que só foi possível obter algumas dyaphises de humeros, de femures e de tibias.

Pelo exame d'estes ossos notámos numa tibia, a unica de que se podia determinar o indice, o seu typo eurhycnemico, correspondendo-lhe o indice 68, tomado ao nivel do buraco de nutrição.

Entre as poucas dyaphises de femures que puderam ser recolhidos nenhum accusa accentuada saliencia da linha aspera; a média dos indices, muito proximos, medidos em tres d'essas dyaphises, deu-nos o número 108.

Estamos, pois, longe do typo de raça, que se apresentou com caracteres tão distinctos em Cro-Magnon.

O pavimento das cryptas era revestido de lages, pelo menos parcialmente, tendo-se encontrado tanto em *a* como em *b*, sobretudo nos pontos onde eram descobertas as ossadas, os restos d'este pavimento. Em *a*, os ossos em pequeno número e em grande desordem, e os restos da ceramica muito fragmentada e dispersa no entulho, levam-nos a crer que este recinto sepulcral havia sido violado, o que não succedia, porém, no recinto *b* onde, a não ser a destruição que attribuímos á queda da cobertura do monumento, a posição das peças do esqueleto e o seu numero justificavam bem a hypothese de não ter sido revolvido. Notava-se mais ou menos, á medida que se punham a descoberto as ossadas empastadas nos entulhos, que os cranios occupavam a parte superior, achando-se em torno e por baixo d'elles os ossos dos membros e do tronco, e pudémos mesmo observar num

caso, que na parte inferior se achavam as tibias com as cristas voltadas para baixo, e logo sobre ellas os femures, tendo as cabeças voltadas no mesmo sentido, o que nos leva á hypothese de que o modo de sepultar, como tem sido já reconhecido em outras estações neolíticas, consistia em collocar o cadaver acocorado, isto é, tendo o busto direito e as pernas em flexão, o que explica perfeitamente a posição relativa das diversas partes do esqueleto, como apontámos.

Na parte superior do entulho que enchia o recinto *b*, e por baixo de uma grande lage que havia naturalmente desmoronado da cobertura da *crypta*, achavam-se alguns carvões, convindo notar todavia que nenhum dos ossos apresentava signal algum de incineração.

3. Mobiliario votivo

Ceramica.—Dos entulhos do recinto *a* (vid. planta), retiraram-se muitos restos de ceramica caracteristicamente neolithica, uns perten-



Fig. 3

centes a vasos de paredes lisas, outros com variada decoração; em todos se nota a constituição grosseira da pasta argilosa, e em alguns é evidente a ausencia do uso da roda do oleiro.

Nas figs. 3 e 4 reproduzimos dois dos especimes mais interessantes que alli colhemos. O da fig. 3 pertence a um vaso de paredes delgadas, de uma só curvatura até á bocca, que termina em bisel, tendo exteriormente uma ornamentação formada por sulcos profundos combinados em fôrma de silvado, numa zona superior, perto da bocca do vaso, e formando losangos na faixa que lhe decora o bojo.

O fragmento representado na fig. 4 pertencia a um vaso de bocca muito ampla, formado de uma pasta negra, apresentando-se a colora-

ção vermelha devida a oxydação pela cozedura, apenas nas superficies interna e externa, que mais directamente soffreram a acção do calor.

Entre os exemplares collidos uns ha, que, pela fórma do bordo e parte do bojo, se reconhece pertencerem ao typo dos grandes vasos descobertos em Palmella¹, os quaes são em fórma de callote espherico de bojo muito ornamentado, e tendo um largo bordo decorado por linhas cruzadas.

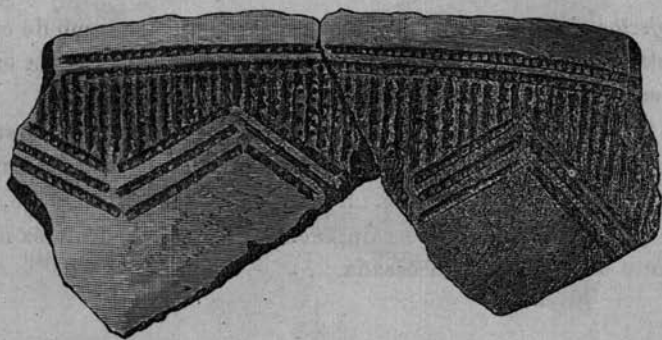


Fig. 4

Armas e instrumentos.—Dos entulhos do recinto *a*, alem dos restos de ceramica foram retiradas algumas armas e instrumentos de silex, como uma ponta de flecha, de fórma triangular, excavada na base e apresentando um angulo muito agudo no vertice, uma pequena faca de delicado retoque, de 0^m,04 de comprimento, e uma lamina de ponta de lança pedunculada na base.

No mesmo recinto foi encontrado um machado de diorite, de secção subtrapezoidal, apresentando uma grande fractura do lado do gume, e um pequeno percutor de calcareo.

Na crypta do monumento *b* foi encontrada, já fracturada, a lamina de uma faca de silex, de grandes proporções, de secção triangular, medindo 0^m,20 de comprimento e 0^m,03 de largura, e o fragmento de outra de menores dimensões, de secção trapezoidal, feita de silex vermelho acastanhado.

Alem d'estes instrumentos tinham apparecido, quando se procedia á sorriba, duas laminas retocadas, de silex branco, um percutor de granito rosado, o qual apresenta duas faces de percussão, e um calhau

¹ Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, fig. 160, pag. 125.

de diorite, a que se tinha procurado dar a fôrma de machado, medindo uns 0^m,13 de comprimento e apresentando uma superficie polida, que vae terminar em gume num dos extremos. O outro extremo irregularmente acuminado apresenta um entalhe obliquo.

Na estação neolithica de Tres Cabezas, em Hispanha, tambem foram encontrados machados que apresentam aquella disposição particular do entalhe¹.

Objectos de osso.—O osso apparece trabalhado, como de ordinario nas estações d'este periodo, servindo principalmente para a execução de objectos de arte decorativa.

A fig. 5 representa um objecto de fôrma annular, de osso, apresentando uma ranhura circular por cima da qual se destaca o rebordo, que o termina superiormente. Este objecto e outro analogo, de que se não poude obter senão dois fragmentos, foram encontrados no fundo do recinto *b* junto de uma ossada.

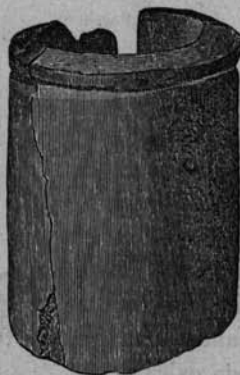


Fig. 5

Alem dos objectos de que acabamos de fallar, foram encontrados dois outros, tambem de osso, massiços, um subcylindroide de 0^m,07 de altura e de 0^m,015 de diametro na parte média, sendo terminado nos extremos por topos parallelos, o outro, que se acha muito mutilado, em fôrma de cylindro, das proporções aproximadamente do antecedente e terminando numa extremidade por uma gola excavada circularmente, encimada por um rebordo cuidadosamente affeiçoado.

¹ *Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne*, Siret, pag. 23.

Não é nova, nas estações neolithicas, nenhuma d'estas fórmas de objectos de osso. O da nossa fig. 5 e o outro que lhe é analogo, de que fallámos, são semelhantes a um que foi encontrado no dolmen do Monte-Abrahão¹, e o último é perfeitamente identico a outro que foi encontrado por Carlos Ribeiro na estação de Liceia².

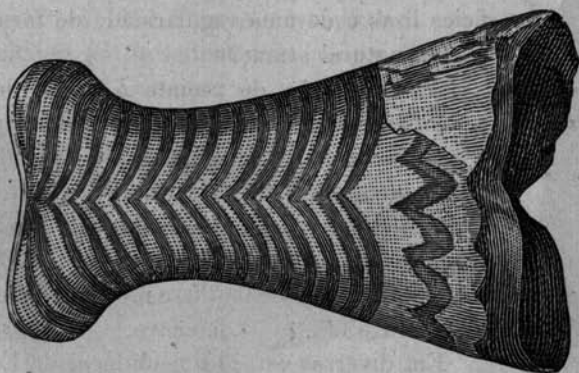


Fig. 6

A fig. 6 representa um dos objectos encontrados na crypta *b*, e que é dos mais interessantes do mobiliario votivo, pela raridade e correcção da sua fórmula artistica. É uma phalange de animal, ornada de traços curvilíneos em toda a sua superfície, fazendo lembrar, pelo natural contorno da peça ossea e pelo desenho, a intenção de nelle representar a cauda de um peixe.

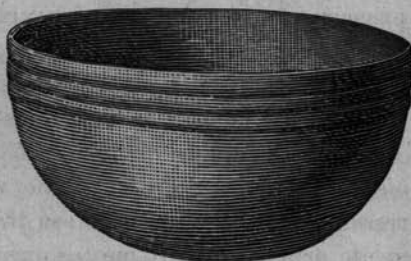


Fig. 7

Na obra antes citada do Sr. Siret vem, sob o n.º 57 da estampa 10.ª, o desenho de uma phalange encontrada na estação de Campos, apresentando também, como aquella, trabalho humano.

¹ *Estudos prehistoricos em Portugal*, II, 1880, fig. 63, pag. 56.

² *Estudos prehistoricos em Portugal*, I, 1878, fig. 123, est. 20.ª, pag. 34.

Objectos de calcareo.—Como a principio dissemos, durante as excavações a que se havia procedido nos trabalhos agricolas, por diversas vezes se tinham descoberto nos entulhos, que constituem uma espessa camada immediatamente subjacente á terra vegetal da superficie, ossadas humanas e uns troços cylindricos de calcareo, de superficies lisas e de uma regularidade de fôrma que despertou natural attenção.

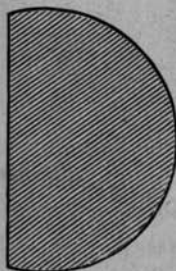
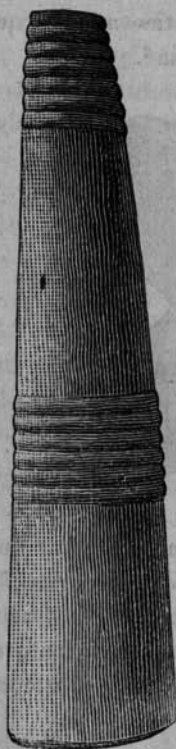


Fig. 8

A exploração do recinto *b* ministrou, no nivel onde foram descobertas as ossadas humanas, alguns d'estes exemplares, entre elles um subcylindroide de 0^m,15 de altura e 0^m,04 no bojo; os outros são todos cylindricos, de varios tamanhos, em numero de oito, tendo de altura o de maiores proporções 0^m,165, com o diametro medio de 0^m,05, e medindo o menor 0^m,075 de altura e 0^m,28 de diametro.

Em diversas estações neolithicas da Estremadura tem sido encontrados especimes d'este typo, dos quaes vemos muitos nas collecções peleoethnologicas da Direcção dos Trabalhos Geologicos do Reino.

Indicaremos tambem aqui o apparecimento de duas espheras de calcareo, uma de superficie rugosa e irregular, medindo 0^m,068 de diametro, e outra lisa, apresentando num ponto da sua superficie uma pequena depressão, e tendo 0^m,06 de diametro. A primeira provém tambem da exploração do recinto *b*, e a segunda, que foi offerecida ao Museu pelo Sr. Oliveira, é perfeitamente identica a outra encontrada no dolmen da Pedra-dos-Mouros (Bellas)¹.

Ainda no fundo do recinto *b* foram descobertos outros exemplares de mobiliario votivo, muito interessantes pela correcção do seu trabalho verdadeiramente artistico. Refiro-me aos que vão figurados com os n.^{os} 7, 8 e 9. O primeiro é um vaso proxima-mente hemispherico, de calcareo, de paredes delgadas e grande regularidade de fôrma; o seu bordo é decorado por tres traços ou sulcos parallelos.

¹ Carlos Ribeiro, *Monumentos megalithicos das vizinhanças de Bellas*, 1880, pag. 8, fig. 12, est. 2.

A fig. 8 representa um objecto de calcareo analogo ao que foi encontrado no jazigo neolithico da Folha-das-Barradas, explorado por Carlos Ribeiro¹. Toda a peça tem as superficies regulares e bem determinadas; servem-lhe de adorno duas ordens de cordões em relêvo, que cingem a superficie conica.

De todos estes objectos, porém, o mais interessante é o representado na fig. 9. É de calcareo crystallino e apresenta o contorno geral semelhante ao de outros dois que existem na referida collecção

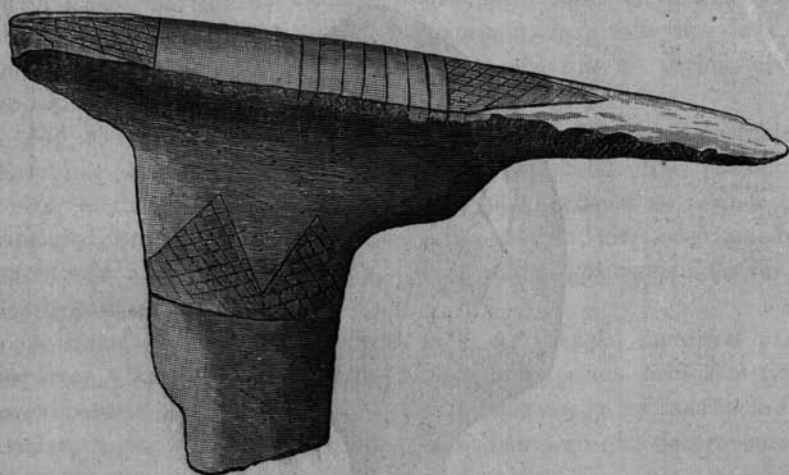


Fig. 9

da Direcção dos Trabalhos Geologicos, um proveniente do dolmen da Estria², e o outro encontrado numa gruta de Cascaes, com qualquer dos quaes este tem perfeita analogia. O nosso especime é de perfeito acabamento, e apresenta ornamentação variada, tanto na superficie superior onde se vê uma serie de traços parallellos, como nas duas faces da parte que forma angulo com a primeira. Este exemplar presta-se tambem á explicação dada pelo Sr. Cartailhac a propósito dos outros dois de que fallámos³. O conjunto representa um machado neolithico ligado ao cabo de madeira formando um angulo superiormente no ponto de ligação, ficando o gume do machado num plano perpendicular ao plano de symetria do instrumento.

¹ *Op. cit.*, pag. 83, figs. 87 e 88.

² *Op. cit.*, pag. 66, est. VII, fig. 1.

³ *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 108, figs. 133-136.

Os outros dois exemplares, com os quaes comparámos este, apresentam tambem a serie de traços parallellos na superficie superior, e que, segundo a interpretação do Sr. Cartailhac, representam as voltas de uma corda ou especie de correia que ligava o machado ao cabo. Um especimen dado pelo Sr. Cartailhac de um machado de pedra encavado, das ilhas Kadiak, na America do Norte, justifica perfeitamente a hypothese enunciada por aquelle illustre archeologo.

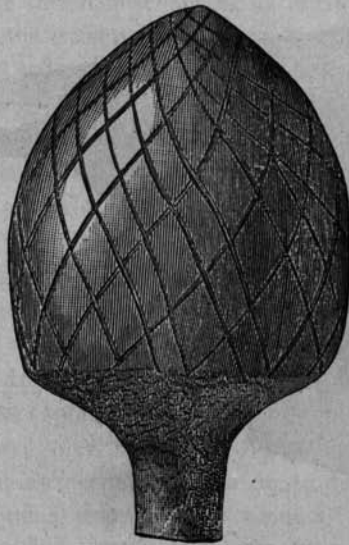


Fig. 10

A fig. 10 representa outro objecto de calcareo não menos interessante que o antecedente. Offerece o contôrno geral de uma pinha, tendo a superficie sulcada de traços, que se cruzam em losangos mais ou menos irregulares. O torneado d'esta peça e o alizamento da sua superficie, notavelmente regulares, dão-lhe um aspecto de singular acabamento.

Outros objectos.—As excavações ministram tambem uma conta ovoide de ribeirite, do typo muito conhecido das estações prehistoricas da Peninsula, e uma lasca de ardosiã que julgamos ser o fragmento de uma placa neolithica de schisto, que tão bem caracteriza esta epocha no nosso país.

4. Considerações geraes

Como dissemos já, o campo do valle de S. Martinho é uma necropole da epocha neolithica. Attesta esta asserção a coexistencia com as ossadas humanas do mobiliario funebre que corresponde áquelle periodo.

As manifestações da arte adeantada que se póde verificar pela execução da peça de osso indicada na fig. 6, e dos objectos de calcareo, principalmente os das figs. 7-10, bem como da ceramica de ornamentação opulenta e de fórmãs aprimoradas, tudo nos leva a considerar esta estação como pertencendo aos fins do periodo raubenhensiense.

Até ao estado actual das explorações o mobiliario é neolithico puro; não se encontrou o menor vestigio de metal. Não podemos, porém; ainda affirmar que esta estação não pertença ao periodo de transição do neolithico para a epocha dos metaes; mais só o apparecimento de algum objecto de metal nos poderá legitimamente levar a essa hypothese.

A fórma dos monumentos sepulcraes é indicação favoravel para despertar esta última hypothese. Com effeito, estas pelo seu typo aproximam-se muito dos monumentos alcalarenses, e na necropole de Alcalar, a par do mobiliario muito semelhante ao que descrevemos, foram encontrados alguns instrumentos de cobre.

Presumimos que novas excavações feitas no campo do valle de S. Martinho, onde fizemos esta exploração, não só poderão vir enriquecer consideravelmente a collecção interessante com que foi engrandecido o Museu Ethnographico Português, mas que hão de trazer novas luzes para esclarecer tantos pontos de ethnographia antiga, que por emquanto se não podem definir positivamente.

Lisboa, 30 de Julho de 1896.

MAXIMIANO APOLLINARIO.

A «Cruz de Portugal» em Silves

Ao forasteiro que fôr de S. Bartholomeu de Messines a Silves deparar-se-ha, depois de passada a ribeira de Enxerim, uma antiga, porém linda, Cruz de marmore branco, com 6^m,0 de alto, tendo, numa